



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

PSICOPATOLOGIAS DA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA ABSURDISTA¹

*Raphael Otávio Apolinário Cantaruti**

RESUMO

*O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica que possui como objetivo propor, através de um diálogo entre os autores Byung-Chul Han e Albert Camus, a aceitação do absurdo como uma possível forma de enfrentamento dos adoecimentos psíquicos da contemporaneidade. Partindo da obra *Sociedade do cansaço*, buscou-se estabelecer um diagnóstico da sociedade atual e uma compreensão alternativa das psicopatologias pelas quais seus membros são acometidos, mais especificamente, a depressão e a síndrome de burnout. Frente a tais considerações, a aceitação do absurdo por meio da revolta, discutida na filosofia camusiana, foi postulada como um meio capaz de proporcionar ao homem o enfrentamento de seus sofrimentos. Através das discussões realizadas no trabalho, concluiu-se que a revolta possibilita ao homem uma nova compreensão da vida e de sua condição, através da qual o mesmo torna-se capaz de experimentar a felicidade e o prazer apesar de sua condição absurda e dos atravessamentos da sociedade contemporânea.*

Palavras-chave: Depressão. Síndrome de *Burnout*. Absurdismo. Autoextermínio.

INTRODUÇÃO

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017) propõe, em sua obra *Sociedade do cansaço*, um diagnóstico à sociedade contemporânea, compreendendo-a como detentora de um grande excesso de positividade, estímulos e produtora de cansaço negativo, ou seja, um cansaço que impossibilita ao sujeito a abertura a seus possíveis e prejudica sua capacidade de criação. A partir de suas considerações, é estabelecida uma compreensão alternativa a respeito do surgimento e instalação de diversas psicopatologias. No

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Barbacena. Endereço eletrônico: 201-002148@aluno.unipac.br

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

presente trabalho, deteremo-nos naquilo que diz respeito aos desdobramentos da depressão e do *burnout* e dos modos de viver decorrentes de tais patologias².

Frente aos adoecimentos decorrentes dos atravessamentos da sociedade positiva descrita por Han (2017), o sujeito se vê em uma posição delicada. Perdido em meio aos discursos positivos contemporâneos o homem, adoecido, busca encontrar saídas para seu adoecimento. Incapaz de encontrar sentido em sua vida e naquilo que lhe causa sofrimento, não vê outra alternativa a não ser a resignação do viver.

A filosofia absurda de Albert Camus surge então como caminho possível e alternativo ao homem, propondo a ele a aceitação de sua condição. Para Camus (1942/2020), viver o absurdo significaria compreender que a vida não possui sentidos inerentes e que não há nada além daquilo que seja possível experimentar sensivelmente. Partir dessa compreensão, significa ao homem adoecido, fazer as pazes com seus algozes e buscar novas formas de apreensão da vida, possibilitando adotar uma posição de abertura frente às felicidades possíveis ao viver.

Diante do exposto, torna-se possível instituir um diálogo entre ambos os autores, no qual parte-se das construções de Han (2017) sobre a sociedade positiva e os consequentes adoecimentos decorrentes de seus atravessamentos para se chegar à filosofia de Albert Camus em suas obras *O mito de Sísifo* (1942/2020) e *O homem revoltado* (1951/2024). Dessa forma, será relegada ao absurdismo a tarefa de possibilitar ao homem o enfrentamento de sua condição e de seus adoecimentos assim como postulados por Han (2017), sem que esse enfrentamento signifique adotar uma posição de passividade e completa aceitação das mazelas da existência mas, signifique em suas considerações finais, fomentar no sujeito a consciência e a revolta, fortemente explicitadas por Camus de forma metafórica em sua análise da tragédia grega de Sísifo.

² No presente trabalho, as psicopatologias apresentadas serão analisadas a partir da perspectiva fenomenológica existencial. Assim, a depressão e o *burnout* não serão compreendidos apenas como manifestações de um organismo doente, mas também como expressões de um modo de viver adoecido que se relaciona diretamente com a subjetividade do indivíduo.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

1 AS PSICOPATOLOGIAS DA CONTEMPORANEIDADE

Os processos de adoecimento e de manutenção da saúde são influenciados por diversos fatores, sejam eles relacionados diretamente à vida particular de cada indivíduo ou, de maneira mais ampla, às condições sociais e culturais às quais o mesmo indivíduo está inserido. Congruentemente, a saúde mental também é atravessada pelos mesmos determinantes, sendo que cada adoecer deve ser analisado e compreendido levando em consideração tudo aquilo que pode, de maneira direta ou indireta, incidir sobre a vida do sujeito. Dessa forma na psicologia, assim como na medicina, é necessário que os processos de saúde e doença sejam compreendidos a partir do momento histórico e do espaço no qual o paciente se insere.

No campo da psicologia social diversos estudos abarcam o tema daquilo que determina a saúde dos indivíduos socialmente: os Determinantes Sociais da Saúde (DSS). Segundo Buss e Pellegrine Filho (2007), foi definido na Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) que os DSS englobam fatores econômicos, culturais e também étnico-raciais que influenciam na vida dos sujeitos e, conseqüentemente, em seus adoecimentos. Diversos modelos foram criados com o objetivo de definir e compilar os DSS didaticamente, dentre os quais um dos mais utilizados é o criado por Dahlgren e Whitehead (1991), o qual dispõe os determinantes sociais em camadas, partindo desde os comportamentos individuais dos sujeitos até as condições econômicas, culturais e ambientais gerais.

Em nossa sociedade atual, marcada pelas relações de produção capitalistas, as condições de vida e de trabalho, compreendidas no modelo de Dahlgren e Whitehead (1991), se destacam como importantes atravessamentos na vida dos sujeitos e como possíveis desencadeadores de sofrimento e adoecimento psicossocial. Segundo o filósofo Sul-coreano Byung-Chul Han (2017) em sua obra *Sociedade do cansaço*, passamos nas últimas décadas de

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho. Segundo o autor:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (Han, 2017, p. 23).

A partir de tal conceito o autor postula que a sociedade do desempenho, marcada pelo excesso de positividade exerce “violência neuronal” sobre os indivíduos e considera que patologias psicossociais contemporâneas e de frequente diagnóstico como síndrome de *burnout*, depressão ou mesmo Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) podem também ser compreendidas e explicadas através dos atravessamentos sociais e culturais da sociedade do desempenho. Segundo Han (2017), podemos afirmar que:

A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema, é antes uma violência *sistêmica*, isto é, uma violência imanente ao sistema. Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de *igual*. O *hiper* da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma *massificação* do positivo (Han, 2017, p. 21).

O discurso da contemporaneidade busca difundir a liberdade entre os sujeitos, responsabilizando-os por todos os desdobramentos de suas vidas, dessa forma quaisquer outros fatores que possam determinar a possibilidade de sucesso em seus objetivos passam a ser desconsiderados. Surge então um grande sentimento de potência, levando-os a acreditar que tudo é alcançável e possível mediante o esforço individual, todas as dificuldades inerentes à vida e à condição social podem e devem ser superadas. Inebriados pelo discurso de que nada é impossível, os sujeitos são levados a perceberem-se como seres quase invencíveis. Essa percepção fantasiosa choca-se com a realidade de sua precariedade enquanto indivíduos - nem tudo lhes é possível. Frente à frustração da impossibilidade se recriminam, sentem-se culpados, tornam-se fracassados.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Segundo Han (2017), tal discurso se justifica pela constante expectativa de produtividade da sociedade do desempenho sobre os sujeitos, como podemos observar em:

Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento [...] O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência (Han, 2017, p. 25).

Logo, as dificuldades inerentes à vida passam a ser compreendidas como fracassos individuais, levando os indivíduos à angústia pelos seus insucessos. Simultaneamente percebemos que a liberdade, marca dos discursos da contemporaneidade, torna-se paradoxal, tudo é postulado como possível mas nem tudo é capaz de ser alcançado. Dessa forma, o conceito não se sustenta na realidade daqueles em situações econômicas desfavoráveis, por maior que seja o empenho em transpor determinadas situações, a vontade individual e a diligência não são suficientes para enfrentar todas as problemáticas inerentes à vida em nosso modelo de sociedade. O sujeito passa então a não mais poder, pois suas possibilidades são limitadas e lhe são direcionadas.

Empenha-se um grande esforço em ser si mesmo e, quando levado a ser outra coisa que não aquilo que se é, o sujeito, vestindo sobre si aquilo que a sociedade espera dele, torna-se adoecido. Han (2017) utiliza as produções do sociólogo francês Alain Ehrenberg para localizar o surgimento da depressão no momento da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. Segundo o autor:

Alain Ehrenberg localiza a depressão na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho: “A carreira da depressão começa no instante em que o modelo disciplinar de controle comportamental, que, autoritária e proibitivamente, estabeleceu seu papel às classes sociais e aos dois gêneros, foi abolido em favor de uma norma que incita cada um à iniciativa pessoal: em que cada um se comprometa a tornar-se ele mesmo. [...] O depressivo não está cheio, no limite, mas

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo” (Han, 2017, p. 26 apud Ehrenberg, 2008, p.14).

No entanto, segundo o filósofo sul-coreano, o esforço por ser si mesmo não é a única condição possível do surgimento da depressão, mas a pressão do desempenho em si, desempenho esse estendido também a tal esforço. Segundo o autor, o homem contemporâneo explora a si mesmo, tornando-se agressor e vítima simultaneamente; dessa forma, psicopatologias como a depressão ou o *burnout* em muitos momentos escapam à percepção dos indivíduos pois não podem ser completamente relacionadas e provenientes de um único agente causador externo ao sujeito (Han, 2017).

Concomitantemente, o cansaço e o tédio também são negados aos sujeitos produtivos, a sociedade do desempenho também é uma sociedade extremamente marcada pelo excesso de estímulos. Dessa maneira não há espaço para o novo, para que os sujeitos sejam capazes de produzir algo ou mesmos produzirem-se enquanto indivíduos (Han, 2017). Segundo o autor a partir do desaparecimento da possibilidade do ócio e do descanso, toda a economia da atenção e as relações entre os sujeitos foram modificadas.

Com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os “dons do escutar espreitando” e desapareceria a “comunidade de espreitadores”. Nossa comunidade ativa é diametralmente oposta àquela. O “dom de escutar espreitando” radica-se precisamente na capacidade para a atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso (Han, 2017, p. 34).

Por “escutar espreitando” podemos compreender a capacidade dos sujeitos de realmente conectarem-se com a fala do outro e serem capazes de se posicionarem frente à realidade do mundo em posição de abertura, ou seja, uma posição que reconhece as possibilidades existentes e aquilo que é externo a si próprio. O silêncio advindo de tal exercício possibilita o testemunho de si, o estar diante de suas próprias questões. A pura repetição e mecanicidade da sociedade do desempenho impossibilitam aos sujeitos perceberem-se e lidarem com suas demandas; logo, como mencionado, em muitos momentos não reconhecem



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

seus próprios adoecimentos. Segundo Han (2017) torna-se necessária uma “pedagogia do ver”, uma modificação da forma pela qual observamos o mundo e seus elementos. Segundo o mesmo:

Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento [...] Temos de aprender a não reagir imediatamente a um estímulo, mas tomar o controle dos instintos inibitórios, limitativos [...] Essa vida não é um abrir-se passivo que diz *sim* a tudo que advém e acontece. Ao contrário ela oferece resistência aos estímulos opressivos intrusivos (Han, 2017, p. 51,52).

Diante dos possíveis do mundo, falta aos homens a capacidade de hesitar. A mecanicidade exige um responder imediato às situações que dispensa uma reflexão profunda que ligue a resposta e a ação à individualidade. Estar diante da escolha exige um enfrentamento da angústia inerente a tal posição, escolher um caminho significa, muitas vezes, abrir mão de outro. Segundo o filósofo e teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard em sua obra *O conceito de angústia*:

Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho como no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se (Kierkegaard, 1844/2013, p. 66).

Não somente a angústia frente à decisão é rejeitada pelos homens, mas também quaisquer outros sentimentos considerados como negativos pelo discurso da sociedade positiva. Segundo Byung-Chul Han, “A crescente positivação da sociedade enfraquece também sentimentos como angústia e luto, que radicam numa negatividade, ou seja, são sentimentos negativos” (Han, 2017). Dessa forma, em meio a uma sociedade extremamente hedonista, aquilo que não é imediatamente prazeroso é classificado como negativo e nocivo para os indivíduos. É necessário suprimir, esquecer e, o quanto antes, prontificar-se a retornar ao modelo de produção e desempenho. O sujeito torna-se incapaz de

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

elaborar e levar à fala os seus sentimentos. Entretanto, faz-se necessária uma posição de abertura frente a essas questões, uma busca por sua compreensão. Compreendendo-os e sentindo-os somos capazes de lhes atribuir significado e sentido em nossa vida.

O autor sul-coreano conclui sua obra com a reflexão de que a sociedade é marcada pelo cansaço de maneira distinta daquela inicialmente compreendida. Não há somente um cansaço – físico e mental - inerente do modelo de produção capitalista, caracterizado pelo esgotamento e pela negatividade. Há também uma deficiência de um cansaço marcado pela potência positiva, pela possibilidade de criação. Segundo o mesmo:

O cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer *qualquer* coisa. O cansaço que inspira é um *cansaço da potência negativa*, a saber, do não-para. [...] Depois de terminar sua criação, Deus chamou ao sétimo dia de sagrado. Sagrado, portanto, não é o dia do *para-isso*, mas o dia do *não-para*, um dia no qual seria possível o uso do inútil. É o dia do cansaço (Han, 2017, p. 76, 77).

Dessa forma, situamos psicopatologias como a depressão e a síndrome de *burnout*, nessa perspectiva, como sendo provenientes em grande medida do esgotamento e do desgaste do indivíduo e da impossibilidade e incapacidade dos sujeitos serem si próprios. Segundo Han:

O sujeito do desempenho esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento (Han, 2017, p. 91).

Em síntese, a depressão e o *burnout* necessitam um diagnóstico diferencial que leve em consideração as relações de trabalho, determinantes para a saúde daquele sujeito, na qual o paciente se insere. A compreensão sobre os desdobramentos do sofrimento e dos sintomas inerentes a elas não pode se afastar das características de nossa sociedade atual. Segundo Han (2017), a violência autoinflingida - marca da sociedade do desempenho - é muitas vezes



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

mais fatal do que aquela causada por um fator externo e facilmente localizada, já que a vítima de tal violência percebe a si mesmo enquanto alguém livre e assim “o sujeito do desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente” (Han, 2017, p. 101).

2 AS PSICOPATOLOGIAS DA CONTEMPORANEIDADE COMO MANIFESTAÇÕES DE UMA REALIDADE ABSURDA

Frente ao exposto, faz-se possível a compreensão de algumas das psicopatologias da contemporaneidade como, por exemplo, a depressão e o *burnout*, a partir da filosofia absurdista de Albert Camus. O homem contemporâneo, assim como o operário das fábricas observado por Camus, perde-se no impessoal. Limita seu viver à mecanicidade e ciclicidade dos eventos cotidianos, caminhando cada vez mais a um desenraizamento de sua realidade. Não experienciar o viver faz com que surja nos sujeitos um sentimento de desconexão, e logo passa a comportar-se como um estrangeiro perdido em um país no qual não é capaz de compreender a língua materna e, dessa forma, nenhum elemento daquele mundo ao qual se relaciona lhe diz algo, o sentido das coisas, das palavras e dos outros lhe escapa.

Da mesma forma, diversos elementos do viver escapam ao sujeito do desempenho como a um espectador descuidado no teatro também escapam elementos secundários do cenário. Estritamente ligado ao discurso positivo, o homem empenha-se em ter sucesso e, compreendendo a vida como qualquer uma de suas tarefas diárias, preocupa-se meramente em ter um bom desempenho. Tal desempenho é medido através do quanto consegue obter materialmente e do quanto consegue aprimorar-se enquanto sujeito aos olhos da sociedade. Entretanto, o sujeito do desempenho, não percebendo-se em sua precariedade, não percebe também que sua vida é atravessada pela temporalidade e logo terá um começo, meio e fim.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

O homem vazio de conexões, que percebe e explica a vida racionalmente e que está totalmente imerso na dinâmica do trabalho e do sucesso pessoal está cego. Entretanto, sua cegueira é seletiva, enxerga tudo aquilo que lhe é esperado que veja e se esquece de elementos sublimes do viver, que atribuem sentido à sua experiência enquanto sujeito. José Saramago, em sua obra *Ensaio sobre a cegueira*, diria que não se sabe os motivos de tal cegueira, e que talvez algum dia venhamos a compreendê-lo, mas que, com certeza, estamos cegos. No entanto, diria que somos cegos que veem e que, mesmo vendo, ainda assim somos incapazes de enxergar. (Saramago, 1995/2020).

Logo, resta-lhe o adoecimento. Perdido na impropriedade, limitando sua vida ao trabalho e à produtividade, o homem encontra seu ponto de ignição. Extremamente desgastado pelo esforço de ter de ser, pela sua falsa liberdade e pela pressão do desempenho, se esgota. Nesse momento somos capazes de situar o surgimento do *burnout*, no qual o sujeito enfrenta a cronificação de seu *stress* laboral e se despersonaliza. O adoecimento do sujeito continua. Desgastado pelo *stress* e frustrado pela sua incapacidade de sucesso no que lhe esperado torna-se, também, depressivo.

Instaladas as psicopatologias, sente-se perdido, não encontra em si ou no mundo hostil ao seu redor sentidos para seu viver e, assim como Meursault, personagem principal de *O estrangeiro*³, torna-se estranho a si mesmo e à própria vida que vive. Comporta-se, assim como o personagem que, certo de sua morte, não enxergava nada no quase, naquilo que estava entre o momento de sua condenação e sua execução (Camus, 1942/2023). Analogamente ao personagem de Camus, o homem é também condenado à morte. Recebe tal condenação no momento de seu nascimento e, como Meursault, não é capaz de atribuir sentido à sua vida nos momentos que precedem a execução de sua condenação.

³ Romance de Albert Camus publicado em 1942 no qual o autor retrata Meursault, um funcionário de escritório condenado à morte pelo assassinato de um árabe. A obra retrata, através do personagem principal, uma consciência esvaziada e desconectada de sua realidade e a gratuidade dos acontecimentos cotidianos.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Compreendemos aqui que uma realidade que exige desempenho, positividade e sucesso dos sujeitos e que não permite aos mesmos conectarem-se com sua subjetividade, não pode ser outra coisa que não absurda. O homem contemporâneo é atravessado pelo sentimento do absurdo, assim como aquele do século XX observado por Camus. Logo, divorcia-se de sua vida e, como mencionado pelo autor, situado em um universo repentinamente privado de luzes e de ilusões, sente-se esgotado e deprimido (Camus, 1942/2020). Compreende, como consequência de seu adoecimento, uma única possibilidade de saída de seu exílio sem solução: a renúncia de seu viver.

3 O AUTOEXTERMÍNIO E O SENTIMENTO DO ABSURDO

A vida é, em muitos momentos, marcada por uma inquietação, um sentimento de que algo está fora de seu lugar. Cada sujeito vivencia e compreende essa experiência à sua maneira, nominando tal sentimento a partir de sua subjetividade. Na literatura, os autores divergem quanto a definição da sensação, definindo-a, por exemplo, como algo similar à náusea⁴ ou como “o sentimento do absurdo”⁵. Convergem, no entanto, quanto às suas vicissitudes, compreendendo que, em algum momento o homem, trespessado por tal sentimento, tomará consciência de sua condição perante a existência.

Atravessado pela cotidianidade, o homem adoecido – algoz de sua própria violência (Han, 2017) – enfrenta a cronificação de seu sofrimento. Atinge, então, um ponto crítico, a partir do qual é convidado à ação: o enfrentamento de sua realidade. Tal ação, não significa necessariamente a superação da condição de adoecido, podendo também indicar uma renúncia do viver.

⁴ O termo náusea é utilizado por Sartre em sua obra *A Náusea* (1938), para descrever o sentimento de inquietação e desconforto do homem perante a vida e sua mecanicidade e ausência de sentidos.

⁵ “O sentimento do absurdo”, é a maneira através da qual Camus descreverá, assim como Sartre, os sentimentos nauseantes que atravessam os homens ao contemplarem a ausência de sentidos de suas vidas.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo a consequência: suicídio ou restabelecimento (Camus, 1942/2020, p. 27,28).

Alheio às influências da sociedade do desempenho sobre seu adoecimento, o sujeito localiza a origem de seu sofrimento em si próprio. Surge então, a culpa. Considera-se incapaz e inadequado, há algo em si que o impossibilita de conquistar aquilo que lhe é esperado socialmente. Dessa maneira as possíveis soluções para o incômodo passam a estabelecer relação com a extinção do eu, na compreensão do indivíduo, *locus* de seu adoecimento.

Entretanto, não será também o deslocamento das matrizes do sofrer - do sujeito ao mundo - que possibilitará a atribuição de um sentido a tal condição e, conseqüentemente, seu enfrentamento. Assumir uma posição de vítima perante o mundo e a existência leva a um desenraizamento, e o ser, inserido em um mundo inóspito, perde sua morada (Dutra, 2011). Logo, o enfrentamento das condições inerentes ao viver, em síntese, se relaciona a uma compreensão que considere o encontro de ambas as partes da relação, ou seja, o sujeito em sua mundanidade.

Para Camus (1942/2020) questionar se a vida vale ou não a pena ser vivida, configura-se como o único problema filosófico realmente válido. Segundo



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

o autor, ninguém é levado ao autoextermínio por conceitos unicamente ontológicos. Em suas palavras:

O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois [...] É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade. Mas vejo, em contrapartida, que muitas pessoas morrem por que consideram que a vida não vale a pena ser vivida (Camus, 1942/2020, p. 17,18).

Logo, tal questionamento localiza-se na relação entre o homem e sua vida e na desproporção entre ambos. Seu distanciamento se dá na medida em que buscamos um sentido inerente ao viver e nada nos é respondido. Divorciado de sua vida, o sujeito caminha em meio ao costume e à mecanicidade de suas ações. Compreende, no entanto, o caráter ridículo de sua rotina e a ausência de qualquer causa para o viver e considera, portanto, irracional todo o sofrimento enfrentado (Camus, 1942/2020). Camus nomeia tal experiência como o sentimento do absurdo. Segundo o filósofo:

Um mundo que se pode explicar, mesmo que com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo (Camus, 1942/2020, p. 20).

Sem um sentido próprio à vida, o sujeito significa-a à sua maneira. No entanto, inserido em um mundo marcado pela pressão de ser si próprio e pelo excesso de positividade e de estímulos, o homem, incapaz de entrar em contato com suas questões e de elaborá-las, fracassa. Tomado pela angústia da incapacidade de construção de sua subjetividade e pela inadequação denotada



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

a partir dos discursos da sociedade contemporânea, o indivíduo distancia-se da experiência de seu viver. E, dessa forma, vazio de sentido, renuncia-se do viver.

A ausência de sentido do mundo e das coisas revela-se em si própria. Segundo Camus (1942/2020), por um momento deixamos de compreender a existência a partir das imagens e figuras que anteriormente lhe atribuíamos:

O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós. Assim como há dias em que, sob um rosto familiar, de repente vemos com uma estranha aquela mulher que amamos durante meses ou anos, talvez cheguemos mesmo a desejar aquilo que subitamente nos deixa tão sós. Mas ainda não é o momento. Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo (Camus, 1942/2020, p. 29).

Tal estranheza perante o mundo e a vida passa a se estender também ao outro. Ao contemplar o caráter mundano dos outros sujeitos e sua cotidianidade, são desumanizados, questionados sobre o porquê de suas ações. Perante a dúvida frente às causas para a existência do outro, o homem retoma seu mal-estar. A mecanicidade de seu igual lembra-o de sua própria e sua falta de sentido, como em um espelho, reflete o próprio homem. Segundo Camus:

Esse mal-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa incalculável queda diante da imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo. Tanto quanto o estranho que, em certos instantes, vem ao nosso encontro num espelho, o irmão familiar e no entanto inquietante que encontramos nas nossas próprias fotos também é o absurdo (Camus, 1942/2020, p. 29).

Estranhamo-nos devido a, em muitos momentos, existir um distanciamento entre o discurso da sociedade do desempenho que nos elege à condição de empresários de nós mesmos (Han, 2017) e a experiência dessa



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

condição. Racionalizar o ser não o possibilita sê-lo. Compreendemo-nos na condição de seres livres e capazes de enfrentar a realidade e transpor a angústia. No entanto, nossas vivências se distanciam cada vez mais de nosso discurso. Assim como compreende Camus, não podemos criar a experiência nem racionalizá-la, é preciso vivenciá-la, submeter-se a ela (Camus, 1935-1937/2014).

Atravessado pelo sentimento do absurdo e desenraizado de sua realidade, o homem não se posiciona frente a angústia inerente ao existir. Seu enfretamento se limita a um diagnóstico. Para o existencialismo, a experiência encontra seu fim na finitude, no morrer. Segundo a fenomenologia existencial de Martin Heidegger (1889-1976), o ser-para-a-morte é a possibilidade mais própria do indivíduo e, a partir da noção de sua finitude, o sujeito apropria-se de sua existência e se singulariza. A possibilidade da morte revela a vida que se vive e as escolhas realizadas nessa travessia (Dutra, 2011).

Entretanto, o sujeito adoecido compreende a morte como solução para seu sofrer, segundo Dutra:

Nesse contexto de mundo, a ansiedade ocupa o vácuo deixado pelo não-ser. A existência, quando vivida na impessoalidade, leva o *Dasein*, cada vez mais, a afastar-se dos sentidos que lhes são próprios, e desse modo, perder a sua singularidade. Tal modo de viver pode gerar ansiedade e muitas vezes, depressão; esses modos de ser nada mais representam do que um não-ser, ou seja, a perda de sentido. Quando essas disposições afetivas levam o sofrente aos seus limites mais extremos e o desespero torna-se insuportável, então a possibilidade da morte passa a representar o sentido para eliminar tal sofrimento (Dutra, 2011, p. 154).

A racionalização em nada auxilia nesse ponto, segundo Camus (1942/2020) há uma defasagem constante entre o que imaginamos saber e o que realmente sabemos e, à mesma maneira, existe um grande afastamento



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

entre aquilo que imaginamos ser e aquilo que realmente somos. Segundo o autor:

Posso desenhar, um por um, todos os rostos que ele costuma assumir, todos também que lhe foram dados, esta educação, esta origem, este ardor ou estes silêncios, esta grandeza ou esta baixeza. Mas não se somam os rostos: este coração que é o meu permanecerá indefinível para sempre. O fosso entre a certeza de que tenho da minha existência e o conteúdo que tento dar a essa segurança jamais será superado. Para sempre serei estranho a mim mesmo (Camus, 1942/2020, p. 33,34).

Que resta então ao sujeito? Retomamos à questão inicial do ensaio filosófico de Camus, “suicídio ou restabelecimento”. Frente ao absurdo cabe ao homem seu enfrentamento. Tal ação compreende o estar diante da vida tal como ela é, para Camus não há a necessidade de resolução e de fuga do absurdo, mas sim de vivenciá-lo tal como se apresenta. Segundo Pimenta (2012) podemos expor a compreensão do franco-argelino da seguinte maneira:

Diante disso, a atitude coerente, pensa Camus, é manter a vida em face ao absurdo, isto é, manter a existência para manter o absurdo. Viver o absurdo é a opção camusiana. Esta opção, fazer viver a absurdidade, é o que constitui a grandeza da existência. Portanto, o suicídio não é uma resposta coerente ao absurdo, sendo que, para o franco-argelino, suicidar é um ato contrário à inadequação metafísica, visto que esse ato elimina o confronto que há entre o homem e o mundo, ele é uma fuga, não uma solução (Pimenta, 2011, p. 18).

No entanto, diferente do que se pode compreender ao primeiro momento, estar diante do absurdo e aceitá-lo não representa uma posição passiva frente à existência. Para Camus, o enfrentamento da condição humana perpassa por aquilo que ele chama de revolta. Segundo o autor, frente à proclamação humana de que tudo é absurdo e que em nada mais se crê, temos de - assim como para

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

René Descartes com seu *cogito ergo sum* – acreditar, pelo menos, em nosso próprio protesto. Logo, a primeira e única evidência dada ao homem, no âmbito da experiência, é a revolta (Camus 1951/2024). Segundo o mesmo “a revolta metafísica é o movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e a criação” (Camus 1951/2024, p. 41).

3.1 A REVOLTA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO DA REALIDADE

A revolta, assim como o sentimento do absurdo, é um conceito que fundamenta o pensamento de Albert Camus em sua filosofia. Para o autor, a revolta nasce da falta de razão em uma realidade absurda, injusta e que carece de sentidos (Camus, 1951/2024). É a partir dela, então, que o homem insurge contra sua condição ontológica enquanto ser. Representa então, a primeiro momento, um protesto. A resistência de um homem que, diante do sofrimento inevitável do viver, opta por afirmar-se enquanto indivíduo, reconhecendo que a ausência de sentido de sua vida não requer resignação mas, em contrapartida, o convida a apropriar-se de seu viver e a esgotar sua liberdade.

Dessa forma, segundo o autor, o ato de se revoltar representa um movimento de tomada de consciência, a partir do qual o homem se reconhece como um componente na infundável luta contra o absurdo. Para Camus:

Existe um fato evidente que parece absolutamente moral: um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece, não é capaz de desfazer delas. Precisa pagar um preço. Um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre. Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro. Isto é normal. Mas também é normal que se esforce para escapar do universo que criou (Camus, 1942/2020, p. 46).

Assim, Camus postula o absurdo como uma das verdades possíveis ao homem e que, a partir de seu reconhecimento enquanto tal, surge a revolta. Se o absurdo é um fenômeno que pertence à consciência, o esforço em escapar



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

dessa condição deve partir também do homem. Compreendemos, a partir das ideias expostas pelo autor, que a absurdidade última do homem representa o morrer (Camus, 1942/2020). A vida é absurda a partir do ponto em que, consciente de sua finitude, o homem se encontra na condição de ser errante em busca de sentido para sua experiência no mundo.

Dessa forma, a existência é absurda à medida que se questiona o porquê de estar vivo e não obtém uma única resposta do mundo. Quando se volta ao absoluto e percebe que não podem ser mero expectador de uma vida que se justifica unicamente pela promessa de outro mundo que não é possível conhecer sensivelmente (Camus, 1942/2020).

Em sua obra *O homem revoltado*, Camus explica o conceito de revolta a partir de uma analogia com a condição dos homens escravizados.

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde seu primeiro movimento. Um escravo que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando [...] Em suma, este não afirma a existência de uma fronteira. Encontra-se a mesma ideia de limite no sentimento do revoltado de que o outro “exagera”, que estende o seu direito além de uma fronteira a partir da qual um outro direito o enfrenta e o delimita (Camus 1951/2024, p. 27).

Logo, assim como o escravo se revolta em relação à sua condição, o homem também se revolta, ontologicamente, quanto à sua condição de ser e, assim como o outro, tem consigo um sentimento de que tem direito a algo, de que sua razão ecoa em algum lugar (Camus, 1951/2024). Assim como aquele que caminha sob o chicote do senhor reconhece que há algo em si pelo que valha a pena lutar e o enfrenta, o homem se coloca em contraposição ao chicote do absurdo que lhe oprime. Em um movimento de consciência nascido da revolta, percebe em si e nos seus semelhantes, algo com que possa se identificar mesmo que momentaneamente e que sustenta sua insurgência (Camus, 1951/2024).

O escravo, no instante em que rejeita a ordem humilhante de seu superior, rejeita ao mesmo tempo a própria condição de



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

escravo [...] O que era no início uma resistência irredutível do homem transforma-se no homem que, por inteiro, se identifica com ela e a ela se resume. Coloca esta parte de si próprio, que ele queria fazer respeitar, acima do resto e a proclama preferível a tudo, mesmo à vida. Torna-se para ele o bem supremo. Instalado anteriormente num compromisso, o escravo lança-se, de uma vez, ao Tudo ou Nada. A consciência vem à tona com a revolta (Camus, 1951/2024, p. 29).

Aquele que se encontra diante do absurdo esgotará, assim como o escravo, em suas últimas possibilidades, sua rebelião. Preferirá a morte a um viver de joelhos, que cerceie sua liberdade (Camus, 1951/2024). Logo, nessa compreensão, o sujeito, atravessado pelo sentimento do absurdo buscará, a partir das compreensões do autor, apropriar-se de seu viver de maneira a experienciá-lo em sua condição de liberdade. Não se colocará diante da realidade a partir deste ou daquele modelo explicativo, ou na linguagem do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, a partir de quaisquer muletas metafísicas⁶. De maneira oposta, compreenderá a vida somente a partir daquilo que pode acessar através de seus sentidos e do que pode ter certeza, e não terá certeza de outra coisa que não de sua condição enquanto habitante desse mundo e de sua relação com o absurdo.

O absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã. Esta é, a partir de então, a razão de minha liberdade profunda [...] O homem absurdo totalmente voltado para a morte (tomada aqui como absurdidade mais evidente), sente-se desligado de tudo que não é atenção apaixonada que se cristaliza nele. Saboreia uma liberdade em relação às regras comuns (Camus 1942/2020, p. 72).

Para a fenomenologia existencial, tendo como base epistemológica, os conceitos de Søren Kierkegaard, o homem é constituído por uma tensão paradoxal. Um dos paradoxos propostos pelo filósofo seria o constante confronto entre as dimensões do temporal e eterno e do finito e infinito no homem.

⁶ Nietzsche explora o conceito de muletas metafísicas nas obras *A gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*, nelas o autor busca criticar a necessidade humana de buscar explicações para a realidade e a vida em conceitos e esperanças metafísicos, tais como a religião.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Segundo essa ótica, deslocar-se-ia, ao longo da vida, entre sentir-se por demasia eterno ou finito, ou seja, em determinados momentos orienta sua vida ora a partir de uma noção de continuidade infinita, não atravessada pelo tempo, ora a partir de uma noção de que a mesma pode se extinguir a qualquer momento (Kierkegaard, 1849/2022).

A partir de tais pressupostos compreendemos que questões centrais em nosso viver são atravessadas por tais paradoxos, como, por exemplo, nossas decisões e nossa liberdade. Aquele que, em determinado momento, carece de eterno e de infinito, orienta suas decisões pelo receio de que sua vida termine a qualquer momento, não aceita sua possibilidade última, a morte, e se coloca diante da vida em uma posição de fechamento. Da mesma forma, aquele que carece de finito e temporalidade, compreende o viver alheio à dimensão do tempo e, dessa forma, também não se abre às suas possibilidades, preso na ilusão de que tudo lhe é possível e alcançável (Kierkegaard, 1849/2022).

Percebemos que as considerações de Camus e Kierkegaard corroboram com aquelas discutidas anteriormente em relação à sociedade do desempenho, e que tais compreensões possíveis ao sujeito encontram consonância nos discursos positivos da contemporaneidade. Para Camus, ainda sobre a liberdade absurda:

A divina responsabilidade do condenado à morte diante do qual em certa madrugada as portas da prisão se abrem, esse incrível desinteresse por tudo, exceto pela chama pura da vida, a morte e o absurdo, são aqui, nota-se, os princípios da única liberdade razoável: aquela que um coração humano pode sentir e viver. Isto é uma segunda consequência. O homem absurdo vislumbra assim um universo ardente e gélido, transparente e limitado, no qual nada é possível mas tudo está dado, depois do qual só há o desmoronamento e o nada. Pode então decidir aceitar a vida em semelhante universo e dele extrair suas forças, sua recusa à esperança e o testemunho de uma vida sem consolo. Mas que significa a vida em semelhante universo? Por ora, apenas a indiferença pelo futuro e a paixão de esgotar tudo o que é dado (Camus, 1942/2020, p. 73).

Assim, compreendemos que o homem revoltado é o homem que se apropria de si e de seu viver, que se lança à existência na condição de abertura



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

às suas possibilidades e as esgota. Por possibilidades entendemos mesmo aquelas ofuscadas pelo horizonte do amanhã, pois aquele que se abre à vida se abre também à sua condição de finita. Em seu protesto, o homem, “seguro de sua liberdade com prazo determinado, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue sua aventura no tempo de sua vida” (Camus, 1942/2020, p. 81).

Para mais, o sujeito do absurdo, atravessado pelo sentimento de revolta, compreende também, que compartilha tal sentimento com outras pessoas. Que como em si próprio, há no outro algo pelo qual valha a pena lutar e resistir. A revolta é, antes de mais nada, um sentimento coletivo. Não na medida em que todos aqueles que existem revoltam-se a partir do sentimento do absurdo, mas que o sujeito, em um movimento de consciência, percebe sua condição no mundo e compreende que ela é compartilhada com todos os outros homens. Logo:

O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesma e ao mundo. O mal que apenas o homem sentia torna-se peste coletiva [...] eu me revolto, logo existimos (Camus 1951/2024, p. 38).

4 O MITO DE SÍSIFO E A POSSIBILIDADE DE FELICIDADE NA ACEITAÇÃO DO ABSURDO

A maior forma de revolta possível ao homem é a felicidade. Assim, Camus conclui sua obra o mito de Sísifo⁷, propondo, a partir de uma alegoria baseada na narrativa do herói trágico, a conclusão máxima de sua filosofia: frente ao absurdo da ausência de sentidos da vida, o homem, ainda assim, é capaz de ser feliz.

⁷ O mito grego de Sísifo retrata um rei ardiloso que por diversas vezes enganou os deuses em benefício próprio. Após sua morte, foi condenado como castigo a uma tarefa infundável: rolar uma pesada pedra até o alto de uma montanha somente para observá-la cair e em seguida recomeçar seu percurso.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

“Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança” (Camus, 1942/2020, p. 137). Camus utiliza o mito grego como uma alegoria para a vida humana e vê, nos homens de seu tempo, o reflexo do personagem homérico. Para o autor, assim como na tragédia grega, todos nós carregaríamos conosco um fardo, o peso de uma vida absurda e, assim como Sísifo, estaríamos condenados a eterna repetição de uma tarefa sem fim, sem que, de alguma forma, fôssemos capazes de escapar à relação entre o homem e sua condição.

No entanto, segundo o filósofo, não resta ao sujeito somente o sofrimento inerente à tarefa, tanto quanto não o restaria também para Sísifo. Ao atingir o cume da montanha e concluir sua tarefa, o personagem seria capaz de contemplar, por um breve momento, o percurso realizado até ali, enquanto a rocha tornava a descer até a posição inicial. É nessa pausa do herói que recai o interesse de Camus. Segundo o mesmo, nesse momento somos capazes de reconhecer o caráter de consciência de Sísifo, seria exatamente essa característica que traria tragicidade à estória e que diferenciaria o personagem dos demais (Camus, 1942/2020). Segundo Camus:

É durante esse regresso, essa pausa que Sísifo me interessa. Um rosto que padece tão perto das pedras já é pedra ele próprio! Vejo esse homem descendo de volta para o tormento cujo fim não conhecerá. Essa hora, que é como uma respiração e que se repete com tanta certeza quanto sua desgraça, essa hora é a da consciência. Em cada um desses instantes, quando ele abandona os cumes e mergulha pouco a pouco nas guaridas dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino. É mais forte que sua rocha (Camus, 1942/2020, p. 139)

Para Camus, toda a tragicidade do mito se perderia caso o personagem não tivesse consciência do caráter cíclico e eterno de sua pena (Camus, 1942/2020). Congruentemente, o sujeito do desempenho de Han (2017) se perde na mecanicidade de suas tarefas, desempenhando-as *sisificamente* sem que se perceba nesse movimento. Estando consciente de sua condição, busca



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

por um sentido para seu viver e sua rotina porém, fracassa nessa cruzada. Em meio a tal clarividência, o homem é capaz de apoderar-se de seu destino, de conhecer seu início e seu fim. Nesse momento, para Camus, a tomada de consciência que deveria representar a derrocada do sujeito, passa a representar sua vitória. Segundo o mesmo, não há destino que não possa ser superado pelo desprezo e pelo despreço por sua condição absurda (Camus, 1942/2020). Apesar de postular a possibilidade de vitória de Sísifo, Camus não nega em nenhum momento o sofrimento que o envolve, mas propõe que, apesar dele, o herói é capaz de ser feliz. Segundo o autor:

Assim como, em certos dias, a descida é feita na dor, também pode ser feita na alegria. Esta palavra não é exagerada. Também imagino Sísifo voltando para a sua rocha, e a dor existe desde o princípio. Quando as imagens da Terra se aferram com muita força à lembrança, quando o chamado da felicidade torna-se premente demais, então a tristeza se ergue no coração do homem: é a vitória da rocha, é a própria rocha. O desespero imenso é coisa demais para se carregar. São as nossas noites de Getsêmani. Mas as verdades esmagadoras desaparecem ao serem reconhecidas (Camus, 1942/2020, p. 139,140).

Camus nos diz que Sísifo contenta-se com sua condição; à ela é capaz de conhecer e dar sentido. Da mesma forma, o homem moderno, consciente de seu tormento, conhece seu destino e assenhora-se de si. Lançado ao mundo e, certo somente da morte, é dono de todos os seus dias. A travessia lhe importa mais do que a partida ou a chegada e, dessa maneira, tudo o que se encontra no meio é de sua total responsabilidade.

Frente às absurdidades da vida contemporânea, o homem é capaz de ser feliz. Assim como Sísifo, ao conduzir a rocha até o alto da montanha, pode contemplar a vegetação que o cerca ou o céu que o envolve, o sujeito do desempenho também é capaz de reconhecer beleza em seu viver. A partir do momento em que se torna consciente de sua condição, o peso se ameniza, permitindo que o homem seja capaz de realmente experienciar seu viver e não somente vencê-lo. O caráter absurdo da vida e sua consequente ausência de

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

sentido é o que permite ao sujeito construir-se enquanto constrói também seu mundo.

Assim, Camus conclui sua obra com sua forte reflexão de que devemos imaginar Sísifo feliz, segundo o mesmo:

Deixo Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo Feliz (Camus, 1942/2020, p. 141).

Percebemos aqui, que as psicopatologias contemporâneas podem se apresentar enquanto manifestações do absurdo em que vivemos e que, se Kierkegaard iguala o desespero à doença física na medicina e delega-o à responsabilidade do psicólogo (Kierkegaard, 1849/2022), somos capazes de aqui propor que o absurdo e seus atravessamentos também são de responsabilidade do mesmo.

No contexto terapêutico caberia, ao profissional de psicologia, conduzir seu paciente na tomada de consciência de sua condição *sisífica* perante a vida e, a partir dela, conduzi-lo na construção de sentidos para seu viver. Tal proposta vai ao encontro da intenção da fenomenologia existencial clínica, que busca convidar o sujeito à criação de um projeto existencial que norteie seu viver.

A proposta de uma psicoterapia que abarque o absurdo representa o convite a um novo olhar sobre a vida, que possibilite ao homem perceber aquilo que há de belo e feliz em sua condição. Consciente que pertence a uma sociedade marcada por relações disfuncionais de poder, calcada na pressão pelo despenho e pelo sucesso, percebe que alguns de seus sofrimentos não podem ser evitados e que, nesse momento, seus algozes não podem ser superados. O homem, assim como Sísifo, carrega sua rocha e, no entanto, também de maneira equivalente ao personagem, é capaz de ser feliz.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

CONCLUSÃO

A proposta de aceitação do absurdo não significa, ao homem, sua adequação a uma realidade adoecida. Representa, no entanto, a compreensão de que existem sofrimentos inevitáveis e batalhas sem vitória. A sociedade do cansaço, como posposta por Han (2017), compreende uma série de mecanismos, instituições e relações que são, em uma de suas muitas faces, adoecedoras. Abraçar o absurdo representaria ao homem o reconhecimento de sua precariedade ontológica enquanto ser e de sua impossibilidade de superação de todas as adversidades inerentes ao viver contemporâneo.

Tal compreensão, como demonstrado nas discussões anteriores, não significa passividade frente à vida e aos adoecimentos possíveis ao homem. Significa, no entanto, concluir que algumas das relações disfuncionais de poder presentes em nossa sociedade e os adoecimentos psíquicos em detrimento dos atravessamentos dessa mesma sociedade, talvez não possam ser superados durante a vida do sujeito adoecido. Para a superação de tais problemas, seria necessário um grande empreendimento coletivo durante um grande período e, dessa forma, deveria o sujeito buscar, concomitantemente às lutas coletivas, maneiras de enfrentar seus adoecimentos e sofrimentos.

Portanto, postular a construção de uma clínica psicológica que se oriente a partir das construções filosóficas de Albert Camus representa, como mencionado, propor ao sujeito uma nova forma de compreender e experienciar seu viver, sugerindo a ele a aceitação da ausência de sentidos da vida e dos sofrimentos inerentes a essa condição ou, estendendo as compreensões do filósofo franco-argelino até seu encontro com as considerações de Han (2017) sobre a sociedade do cansaço, a aceitação de sua precariedade frente aos atravessamentos da sociedade da positividade e seus consequentes adoecimentos.

Frente ao mal-estar inerente à sua condição enquanto ser no mundo e no tempo, é delegada ao homem a busca por formas de experimentar a felicidade



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

e o prazer e, na compreensão construída até aqui, ele as encontraria na aceitação do absurdo por meio da revolta. Somente ao admitir a ausência de sentido de sua vida, torna-se capaz de dar a ela o seu próprio e, dessa forma reconectar-se com seu viver, sendo possíveis ao sujeito novas compreensões e significações daquilo que outrora o adoecia.

PSYCHOPATHOLOGIES OF CONTEMPORANEITY: AN ABSURDIST PERSPECTIVE

ABSTRACT

The present paper consists of a bibliographic review aiming to propose, through a dialogue between Byung-Chul Han and Albert Camus, the acceptance of the absurd as a possible way to confront the psychological ailments of contemporary times. Drawing from the work The Burnout Society, an effort was made to establish a diagnosis of current society and an alternative understanding of the psychopathologies affecting its members. In light of these considerations, the acceptance of the absurd through revolt, as discussed in Camusian philosophy, was proposed as a means capable of enabling individuals to face their suffering. Through the discussions conducted in this study, it was concluded that revolt allows individuals to gain a new understanding of life and their condition, enabling them to experience happiness and pleasure despite their absurd condition and the challenges posed by contemporary society.

Key-words: Depression. Burnout Syndrome. Absurdism. Self-Extermination.

REFERÊNCIAS

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A.. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Revista de Saúde coletiva*, v. 17, n.1, p. 77-93, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CAMUS, Albert. **Cadernos: A esperança do mundo** (1935-1937). Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Hedra, 2014.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

CAMUS, Albert. **O estrangeiro** (1942). Trad. Valerie Rumjanek. 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado** (1951). Trad. Valerie Rumjanek. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo** (1942). Trad. Ari Roitman e Paula Watch. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v.17, n.2, p.152-157, dez. 2011. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

KIERKEGAARD, Søren A. **A doença para a morte** (1849). Trad. Jonas Roos. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

KIERKEGAARD, Søren A. **O conceito de angústia** (1844). Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência** (1882). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra** (1883). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. A postura camusiana perante o suicídio físico. **Existência e Arte-Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas**, Estética da Universidade Federal de São João del Rei, ano VIII, n. 6, jan.-dez., 2012. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Postura_Camusiana_Perante_o_Suicidio_Fisico.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea** (1938). Trad. Rita Braga. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.